

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Vila de Miman Class.: \_\_\_\_\_

Data: 06/06/84 Pg.: \_\_\_\_\_

### *Humildes Pataxós não pedem muito: só querem semente*

Segundo dados colhidos pelos alunos participantes da Operação Anchieta, o índice de verminose na tribo Pataxó é de 97 por cento, ao passo que nos relatórios da Funai este não passava de 67 por cento. Tururim, o cacique pataxó, disse que de um tempo para cá os índios ficaram mais doentes e sem condições de saúde e higiene, e, assim, não restará mais ninguém. A tribo abrange, atualmente, cerca de 1.600 indígenas, que vivem distribuídos na região Pataxó, dividida em Barra Velha, Boca da Mata e Meio da Mata; o que representa muito pouca gente para a extensão de terra e a precariedade de alimentos, lamentou o cacique.

O sub-cacique Ita concorda com o coordenador da Operação Anchieta, professor Newton de Paiva Ferreira, quando ele disse que 'se o governo não sabe como resolver o problema de pouco mais de mil índios, realmente o problema é bem mais sério do que imaginamos. A Funai, segundo ele, precisa dar, realmente, apoio ao índio brasileiro, não só aos Pataxós, mas também ao Maxacalis, Krenaks e tantos outros. Precisamos não só de terras, como todo mundo acha; precisamos de máquinas, pois do que adianta terra se não temos o que plantar e nem como plantar?' indagou. Nossas condições de vida (que eles chamam de conforto) são ruins e tudo é muito difícil. Para vendermos nosso artesanato (o que representa a maior parte do sustento da tribo), temos que ir de canoa ou barcos, que estão sem a mínima condição de viagem, até Porto Seguro. Nossa vida não é esta contada em livros. É muito pior'.

O Colégio Anchieta tem a intenção, segundo Newton de Paiva, de continuar com a Operação Anchieta, mas é preciso que a Funai forneça as condições para que isto seja feito em conjunto. Não queremos tomar a direção do trabalho do órgão, disse o professor. Simplesmente, queremos que ela se abra e se conscientize de que o nosso trabalho requer adeptos. E, quem melhor do que a Funai para coordenar nosso trabalho? As dificuldades são muitas e parece que nos esquecemos de nossos amigos Pataxós, salientou. Este problema é tão fácil de ser resolvido que ficamos sem entender o porquê da demora de uma solução.

Os índios Pataxós, do Sul da Bahia, querem semente para plantar em suas terras. Oito meses após a Operação Anchieta à sua aldeia, o cacique Tururim e o sub-cacique Ita (ou Alfredo) pedem ajuda. Segundo eles, desde que os alunos de Patologia do Colégio Anchieta, universitários de Odontologia da Universidade Católica e jornalistas estiveram na tribo, em outubro do ano passado, nada mais foi feito em favor dos Pataxós. Nem o médico esteve na aldeia durante este tempo, e muito menos o delegado da Funai, denunciaram eles na entrevista que concederam à imprensa no último fim de semana, no Hotel Taquaril, na estrada velha de Nova Lima.

Gente simples, mas trabalhadora, os Pataxós querem sementes e peixes, pois a escassez atingiu a tribo. Eles acreditam na Funai, apesar de tudo, disse o cacique Tururim, e agora, com a presença de um índio (Megaron) no órgão, as coisas vão melhorar. As condições de vida continuam as mesmas, de acordo com Ita, o sub-cacique: "Não temos barcos adequados (quando algum índio fica doente e as condições não permitem a viagem até Caráiva, o jeito é morrer); estradas foram feitas por nós (terra amassada em cima de brejos); o que comemos é o que plantamos (mandioca, abacaxi, banana, coco). Tudo em terra ruim, onde mais da metade é mata atlântica, terra solta".

"Não viemos reclamar — disse Tururim, o cacique Pataxó, de apenas um metro e meio. Vimos sim lembrar aos nossos amigos de Minas que existimos, lá bem longe, e que estamos precisando, mais uma vez, da ajuda de nossos companheiros. Não somos de luta ou de brigas e agora aprendemos a gostar de nossa cultura (estavam vestidos a rigor de cocares, penas, lanças, rostos pintados); mas viver isolado, como estamos a mais de 70 quilômetros de Porto Seguro, sem qualquer condição de sobrevivência, tira o ânimo da gente. Nos filhos (quitos) e nossas mulheres (jokanas) precisam de alimentos, como qualquer outra pessoa, lembrou Tururim.